

Capítulo 1

Pajukoski, Finlândia, 2026

Acabo de deixar as crianças na estrada para pegarem o táxi para a escola. Emil está tão empolgado; sua equipe de pesäpallo vai voltar aos treinos, e ele não para de falar sobre isso. Já Sofie está um pouco cabisbaixa desde que sua melhor amiga se mudou para Helsinki. Ela vai fazer novas amigas, mas me aperta o coração não ver mais aquele brilho nos seus pequenos olhos.

Logo que chego, me vou de pronto para os campos. Elias já deve estar me esperando lá, depois de ajudar os Ek com seu velho trator. Agora que a neve se foi, todos estão muito agitados para a colheita do centeio. A colheita do ano passado foi muito farta para nós; nunca temos centeio sobrando a esta altura do ano.

Enquanto Elias cuida de carregar o equipamento pesado para limpar os canais de drenagem, eu vou começar a avaliar o estado do plantio. Felizmente, quanto mais reviro o solo lamacento, mais centeio saudável eu encontro. As nevascas foram mais brandas neste último inverno; poucas plantas morreram. Vamos ter mais uma ótima colheita.

— Sari, o que é aquilo? — questionou Elias, apontando para o córrego logo atrás de mim. Há algo boiando na água, algo grande. — Não vá! — disse ele, enquanto eu me dirijo ao objeto misterioso. Quanto mais me aproximo, mais incerta fico, até que vejo algo que me apavora: uma mão. Por Deus. É um corpo! Elias! Venha aqui! — grito, extremamente assustada. Ele, que já vinha na minha direção, imediatamente larga a pá e começa a correr no meio da lama. Era enorme; parecia um homem. Deve ter pelo menos 1,90 m, mas é muito difícil distinguir o que eram suas roupas e o que era lama.

— Pegue uma corda, nós vamos puxá-lo. — Elias me pede, enquanto vai se preparando para entrar na água. Arremesso-lhe uma ponta da corda assim que ele vai adentrando a água. Não é profunda; a correnteza não está forte, mas os salgueiros estão crescendo, e isso dificulta muito. Ele amarra o corpo e volta para a margem. Como vamos puxá-lo em meio a tanto mato? — pergunto ao meu marido. — Vamos ter que usar o trator — ele me responde.

Conseguimos tirar o corpo do rio; ele é ainda maior do que parecia. Deve pesar uns 100 quilos, certamente. Como poderia um homem ser tão grande? Eis que começo a prestar atenção no seu rosto e, no meio da sua barba enorme e extremamente suja, noto que suas narinas estão se mexendo. Ele está respirando? Como é possível? Ele estava imundo; parece que havia sido soterrado, ou algo do tipo, há muito tempo. Suas roupas estavam enrijecidas pelo barro; ele parecia portar algum tipo de equipamento consigo, mas é difícil de identificar.

Arrastamo-lo para nossa casa, rasgamos suas roupas e o lavamos com uma mangueira antes de trazê-lo para dentro. Colocamo-lo no quarto de hóspedes, ao lado da sala de estar, enquanto decidimos o que deveríamos fazer. — Chame

a emergência — disse Elias. — Vou limpando as coisas dele lá fora e ver se acho algum tipo de documento — completou.

Enquanto eu pegava meu telefone, ouvi um gemido: ele estava acordando. Vou de imediato para o quarto, e ele está com os olhos abertos. — Quem é você? — perguntou o homem, com uma voz rouca e fraca. — Me chamo Sari. Eu e meu marido o encontramos boiando no rio. Como você se chama? — sento-me na cama ao seu lado, enquanto o observo. Ele parece confuso e não me responde.

— Onde eu estou? Onde estão minhas coisas? — Eu o havia vestido com roupas do Elias; embora tenham ficado bastante apertadas, seria pior ter um estranho despertando na minha casa completamente nu. — Estamos em Pajukoski, a cerca de 80 km de Helsinki. — Será que este homem sequer é finlandês?

— Helsinki? Ah, claro, tínhamos vindo para Rovaniemi... — ele disse, enquanto se ajeitava na cama e se sentava. — Não se esforce; é um milagre você estar vivo. Você é estrangeiro? Se lembra de como caiu no rio? Veio para cá com alguém? — Sua memória parece estar boa; decerto posso conseguir mais informações para ajudá-lo a voltar para sua casa.

Começo a ouvir Elias correndo, desesperado, para dentro de casa. — Sari! Sari! Saia de perto dele! — ele esbraveja, em completo desespero. — Olha isso! — Elias havia limpado parte do equipamento e, após retirar muita lama, encontra um emblema: era uma suástica. O homem que resgatamos era um nazista! — Você é nazista?! — indaguei, enquanto me levanto da cama e me afasto, assustada. Nunca imaginei que isso aconteceria algum dia da minha vida.

— O que esse macaco está fazendo com as minhas coisas? — ele questiona, com uma voz furiosa. De repente, ele recupera suas forças; sua feição confusa se desfaz, dando lugar a um olhar de puro ódio. Elias é negro, nascido na Suécia e filho de imigrantes da Eritreia. — Do que você me chamou? — Elias se revolta completamente e parte para cima do homem.

Com apenas um impulso, o homem pula da cama. Elias lhe acerta um soco, mas ele parece não sentir. Ele devolve o soco e agarra o pescoço de Elias. — Largue-o, seu demônio! — tento bater nele, mas ele parece ser feito de aço. Minhas mãos doem após poucos golpes nas suas costas, e ele não esboça reação alguma, até que me dá uma cotovelada, fazendo com que eu bata o ombro na parede.

— Como essa subespécie está aqui na Finlândia? Esta mulher está lhe dando abrigo? Você está traindo sua raça, vadia! — ele está completamente fora de controle. Acredito ter deslocado meu ombro no impacto; a dor é muito forte, mas não é maior que meu medo. Elias não está conseguindo respirar. — Você me dá nojo! — disse aquele desgraçado, enquanto quebra o pescoço do meu marido com as próprias mãos. Ele larga o corpo como se fosse um saco de trapos; seus olhos imediatamente se apagam. O brilho sumiu. Eu começo a tremer, desesperada. O que vai acontecer comigo? Como vou sair daqui?

— Mamãe, chegamos! — Não pode ser... As crianças chegaram da escola. —

Emil, Sofie, saiam daqui! — grito, enquanto tento me levantar; preciso salvar meus filhos desse diabo que veio destruir nossas vidas. — Você fez filhos com esta coisa? — ele me intimou, enquanto apontava para o corpo do meu marido e me agarraava pelo braço com força. — Me largue! — imploro, mas ele aperta mais e mais forte. Sinto que os ossos do meu antebraço vão trincar a qualquer momento.

Ele se aproxima do meu rosto com uma respiração pesada, olha no fundo dos meus olhos e diz: você parecia perfeita; cabelos dourados como o Sol, olhos azuis como o céu no verão. Mas você é impura, está corrompida: deixou um negro te tocar. Mulheres como você trarão a perdição à raça humana. — Eu me arrepiro toda; ele vai me matar, com certeza.

— Sua morte será lenta como punição. — Ele me avisa e quebra o meu antebraço com uma das mãos. Com a outra, segura meu bíceps, enquanto termina de rasgar e arrancar meu antebraço. Estou em choque e começo a gritar. É muita dor; não consigo mais pensar em nada que não sejam as crianças. Eu, inutilmente, tento bater nele com meu outro braço. Ele também o quebra e agora agarra meu pescoço. É o meu fim.

Que desperdício. Como é possível que este anjo tenha cedido às tentações da carne e tenha gerado descendentes com um inferior? Eu os ouvi chamando há poucos instantes; devem estar por perto. O que estou prestes a fazer não me trará alegria, mas é necessário cortar o mal pela raiz.

Ao sair de dentro da casa, vejo os rastros deles. Saíram em disparada depois que a mãe gritou por misericórdia. Como se chamavam? Emil e Sofie, eu acho. As pegadas vão na direção daquele pequeno barraco; um depósito de ferramentas, imagino eu.

Arrombo a porta e imediatamente eles começam a chorar e berrar, em desespero, atrás de uma prateleira. — Não chorem, pequenos — eu lhes digo —, vocês não fizeram nada errado; sua mãe é que fez. — Quem é você e o que fez com a nossa mãe? — o pequeno monstro perguntava, enquanto sua irmã se esconde atrás dele. Vocês podem não saber, mas serão responsáveis pelo fim do mundo se eu não os impedir. A mistura vai nos destruir; vocês são perigosos! Vou acabar com isso de uma vez, para que não sofram.

Aquela mulher disse que estamos a 80 km de Helsinki; de lá, devo conseguir me reagrupar e voltar para Rovaniemi, ou me mandarão de volta para Berlim. Deve haver alguma cidade no caminho, e lá consigo um transporte.

Caminho 2: Weller é levado para o hospital